

São Paulo em 1827 (*)

Dr. Spencer Vampré

No seculo apressado em que vivemos, infenso a longos discursos, não constitue uma occasião como esta o momento mais propicio para largo e despreoccupado recordar.

A' chronica do memorialista, ao traço, ora caprichoso ora emotivo do rebuscador de papeis velhos, incumbe melhor despertar do passado essas figuras majestosas ou grotescas, com que se tece a admiração ou a curiosidade das gerações.

Se pretendessemos, neste curto momento historico reanimar das cinzas o velho São Paulo de 1827, quanto aspecto estranho, quanta sensação exotica, que mundo immenso e desconhecido se nos desdobraria diante dos olhos!

Esqueçamos, por um instante, a metropole de agora, com os seus arranha-céus insolentes, os seus bondes ruidosos e apinhados os seus automoveis e omnibus, regorgitantes de gente apressada e preocupada.

(*) — Discurso pronunciado na sessão solenne promovida, em 11 de Agosto de 1936, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, pelo Centro Academico Onze de Agosto, em commemoração do anniversario da fundação dos cursos juridicos no Brasil.

A CIDADE PROVINCIANA

Eis-nos na velha cidade, pequenina e bisonha, escorregando pelas ladeiras lamacentas, onde as tropas de burros, troteiam atrás da madrinha — da besta mais esperta e toda ataviada de guizos, que vae á frente; eis-nos nas ruas tortuosas e estreitas, quasi sempre desertas, e cujo silencio, no sol a pino, era apenas quebrado pelo lento chiar de um carro de bois, ou nas manhans nevoentas, ou nos crepusculos tristes pelo melancolico badalar dos sinos.

Combatendo na Assembléa Geral Constituinte a criação dos Cursos Juridicos em São Paulo, por preferir o Rio de Janeiro, affirmava Bernardo Pereira de Vasconcellos que se viessem cincoenta ou sessenta estudantes a São Paulo, não teriam onde morar, e que o despotismo dos presidentes de Provincia era tamanho que não se admiraria que um deílles de futuro mandasse em ferros para as fortalezas da Côrte os professores e os discipulos, como republicanos e incendiarios.

E na verdade possuia poucos predios confortaveis o São Paulo de então, quasi todos terreos e de paredes de taipa; a cidade se desdobrava, com longos quintaes murados, dentro do triangulo formado pelas egrejas do Carmo, São Francisco e de São Bento, como a assinalar-lhe os limites extremos. Começavam ahí as chacaras, e beira dos caminhos iam surgindo as primeiras casas, que depois formaram os varios bairros. A chacara do Ferrão, a do Ozorio, a do Fagundes, a do conego Fidelis, formariam dentro em pouco passeios predilectos, onde estudantes iriam chupar jaboticabas em bandos alegres e folgazões.

Ao installarem-se aqui os Cursos Juridicos não existia o largo de São Francisco, mas um enorme quintal, cercado na frente do convento, só deixando livre um pequeno pateo, fronteiro á egreja. Encravado nesse quintal, com a frente para o pateo referido, havia pegado ao vestibulo da egreja, um casebre em que, pelo Natal, expunham os frades um

presepe muito visitado. Pouco depois de inaugurada esta Academia, escrevia o seu primeiro director o tenente-general José Arouche de Toledo Rendon, ao ministro do Imperio, José Clemente Pereira, estas palavras que bem retratam quanto era grande o quintal, ou cercado do convento, e quanto era pequena a cidade de então: — “O cercado deve ser retalhado em duas ruas, que darão muito valor ao terreno. Elle é tão extenso que o reputo metade da cidade. Eu mesmo ignorava o que é, porque foi a primeira vez que entrei nesse exame”.

AS RUAS ANTIGAS

Antes de nos demorarmos no casarão de taipa que o camartelo do progresso já quasi inteiramente demoliu, espareçamos por um pouco pela cidadezinha provinciana, crysalida informe donde surgiria a linda e inquieta borboleta de hoje. Do largo de São Francisco sae o largo do Capim, depois chamado do Ouvidor, e á rua que por elle desce até o largo de São Bento, tem o nome de rua de São Bento. Aqui por assim dizer, acaba a cidade neste lado, pois ha uma estrada, chamada do Guarepe (e tambem do Miguel Carlos, em memoria de antigo procurador da Corôa, que alli tinha uma chacara), que leva ao bairro do Guaré, ou da Luz.

Na rua de São Bento, na direcção de quem parte do largo do Capim, desembocam, successivamente, a rua do Ouvidor (depois José Bonifacio, em homenagem ao lente insigne); a Direita, que aliás sempre foi torta até hoje; a rua do Cotovelo (primeira parte da rua da Quitanda, onde faz esquina hoje a Casa Mappin Stores); o Bêco da Lapa, depois travessa do Grande Hotel e hoje rua Miguel Couto; e a rua, ou Bêco do Inferno (praça Álvares Penteado).

Estamos agora junto á igreja do Rosario dos Pretos, num largo muito pequeno que tem o nome de largo do Rosario, e que depois se chamará praça Antonio Prado. A

egreja ha de ser demolida e mudada para um largo distante, que se denominará do Paysandú, em memoria de feito sangrento na Guerra do Paraguay.

Da frente da Igreja do Rosario dos Pretos, sáe a rua do Rosario que vae ser baptisada mais tarde com os nomes de rua da Imperatriz e Quinze de Novembro, e tambem João Briccola. Se subirmos a rua do Rosario, atravessaremos a rua das Casinhas (“rua do Thesouro”), o centro commercial da época. Chama-se rua das Casinhas porque cada casa é um armazem, escuro e enfumaçado, onde o toucinho, o arroz, o milho, a carne secca, se amontoam em confusão, e nem sempre com limpeza. Ha ahi um vae-e-vem de gente da roça, de negros, de tropeiros e de burros de cargas. Os legumes e as hortaliças são vendidos por negras, acocoradas na rua, que por isso se chamou, e se chama até hoje, da Quitanda.

Pela rua das Casinhas se vae ao Pateo do Collegio, onde esteve o Convento dos Jesuitas, que já se chama Palacio, mas que não passa de um grande sobrado, formado por duas alas que se encontram em angulo recto. Das suas janellas se descortina a planicie immensa, até entestar com a collina da Penha. Nella ha enormes trechos que as enchentes do Tamanduatehy alagam, pontilhados, aqui e alli por araucarias e pinheiros. Algum dia nascerá aqui o bairro do Braz, coração industrial do Brasil.

Em frente ao Palacio está a Casa da Opera (“Secretaria da Fazenda”) onde os estudantes representarão farças que o director Rendon ha de prohibir.

Dos fundos do Pateo do Collegio sáe a rua do Carmo, onde se acha (“escriptorio da Cia. de Gaz”) a casa da famosa Marqueza de Santos, em torno de cuja singular figura se tecem lendas, em uma das quaes se envolvem o Marquez de Monte Alegre, que ha de reger tambem os destinos desta Academia. Pela rua do Carmo se vae ao largo do Carmo, onde se acha o Mosteiro, a cuja sombra hão de acolher-se para estudar Amaral Gurgel e Pires da Motta, depois lentes e directores, e ha de deitar-se para dormir o

somno eterno Gabriel Rodrigues dos Santos, lente tambem, morto em pleno esplendor do talento, e tambem revolucionario na Revolução de Sorocaba, de 1842, ao lado de Raphael Tobias, da linda Marquiza de Santos, e do inquebrantavel Padre Feijó, paralysado na sua cadeira de rodas, mas lutando e animando os companheiros com a coragem de um espartano.

Dentro desse Convento do Carmo hão de vibrar as vozes de Monte Alverne, do padre Mestre Peres e de frei Santa Gertrudes, para admiração dos estudantes e escarmento dos peccadores.

Na calçada da Igreja da Ordem Terceira do Carmo vêm as vendedoras de peixe, vender a cambada a seis vintens. Daqui se avista, em frente á ladeira do Carmo, a casa do bispo d. Matheus de Abreu Pereira, fallecido pouco antes, em 1824. Dalli sahiu elle, alvoroçadamente, entre o povo enthusiasmado e o alegre bimbalar dos sinos, a receber D. Pedro Primeiro, em seguida ao glorioso grito do Ypiranga. Ha ainda a rua da Tabatinguera, a das Flores (hoje Silveira Martins), onde vae morar o lente Avellar Brotero. Ha ainda o largo de São Gonçalo (“Praça João Mendes”); o do Pelourinho (“Largo Sete de Setembro”); a rua da Gloria, que leva ao Cambucy e aos caminhos de Santos e do Rio de Janeiro; o largo da Sé; a rua da Cruz Preta (depois rua do Principe e rua Quintino Bocayuva); a rua da Freira, onde nasceu o Padre Feijó, e por isso ha de ter o seu nome; a rua do Jogo da Bola, que ha de denominar-se Benjamin Constant. Eis quasi todas as ruas, e por certo as principaes da cidade, em que viverá, e crescerá, no coração dos brasileiros, a lendaria Academia de Direito, de que celebramos hoje o centesimo nono anno.

BAIRROS NOVOS

Para o lado do Sul, ha campos e barrocas, cortados pela estrada de carro, que vae para Santo Amaro. Algum dia nascerá ahi a linda avenida Brigadeiro Luiz Antonio e

todo o bairro do Paraiso e da Avenida Paulista. Entre o leito do Anhangabahú, então alagado e coberto de pantanosa vegetação e a rua de São Bento, começa a rua de São José, que depois se chamará Libero Badaró, em memoria do valente jornalista italiano que fecundou o solo de São Paulo com o seu ardente sangue liberal.

Um pouco inclinada ao Norte esta a surgir, para os lados da Ladeira do Acú (“Ladeira de São João”) o bairro de Santa Ephigenia. Ficam para lá o Bêco do Sapo e o Tanque do Zenéga, de que a historia academica recorda tradições pittorescas.

Finalmente, fica a Oeste o Morro do Chá, que ha de ligar-se por um viaducto, que por muitos decennios ha de ser motivo de orgulho paulistano, e cuja demolição já tem os dias contados — lei fatal de todas as coisas, materiaes ou espirituaes, que brilham uma hora na Eternidade, um dia desapparecerão, no grande oceano do Nada. Quem suspeitaria que o Campo dos Curros, onde se guardavam animaes, haveria de ser um dia a formosa Praça da Republica, e que depois dellas nasceriam Villa Buarque, e Hygienopolis, e Perdizes e Campos Elyseos, — (que sei eu?) toda essa cidade pujante e renascente, na peregrina belleza de suas linhas architectonicas, na audacia indomavel de seus filhos ambiciosos e incansaveis?

Aqui está a cidadezinha para onde vêm os primeiros estudantes e os primeiros lentes, alguns por terra, como viera D. Pedro I do Rio de Janeiro, através de semanas de fatigante viajar, que a Central do Brasil faz hoje em doze horas e o avião da Vasp em noventa minutos! Outros vêm por mar, e pela estrada de Sontos ao lombo de alimarias,

Quereis um curioso indice comparativo?

Quando em 1829 veiu nomeado o dr. Carlos Carneiro de Campos, que depois teve o titulo de visconde de Caravelas, foi morar em uma casa do director Rendon á rua do Quartel, mediante o aluguel mensal de 12\$800!

Esses oitocentos réis sublinham bem o valor do dinheiro naquella época e o facto de alugar-se uma casa a um lente

da Academia por 12\$800 ao mez bem demonstra a modestia daquellas vidas.

E o que é mais admiravel é que veiu nomeado substituto interino com 300\$000 annuaes, ou sejam 66\$666 por mez.

A CIDADE E OS POETAS

*Conheceis a cidade, onde as beatas
Em sombrias mantilhas envolvidas,
Nas ruas mal calçadas se abalroam
De rosario na mão? Onde as tabernas*

*Regorgitam de vates e oradores,
Que os direitos da plebe preconiscam,
E defendem a murros? Onde a nevoa,
Em seus mantos esconde a horas mortas,
O turbilhão sem fim dos namorados?*

Aqui está a velha cidade de São Paulo, como a definiu, por volta de 1862, trinta e cinco annos depois da fundação da Academia, o poeta bohemio Fagundes Varella.

Assim todos nós a imaginamos, na bruma que a envolvia persistente, e que hoje, graças a Deus, só volta de onde em onde. Um poeta a que esta Academia deve ainda a homenagem da sua admiração, Baptista Cepellos, evocou lindamente:

*Cidade parnasiana! Moços poetas,
De basta cabelleira desgrenhada,
Ficam de sob as gelosias quietas,
Cantando o nome da mulher amada!*

*E Alvares de Azevedo, sorvo a sorvo,
Bebendo o "spleen" de uma tristeza eterna,
Frequenta a cova lobrega d'"O Corvo",
Onde imagina as "Noites da Taverna".*

*Cidade de estudantes, gravemente
Sobraçando um massão de leis antigas,
De dia attentos á lição do lente,
De noite em serenatas e cantigas...*

*Oh! cidade de bohemios pittorescos,
Envolvidos em capas e mysterios...
Vultos que noctambulam, domjuanescos,
Através de jardins e cemiterios...*

*São Paulo da garôa peneirantes
Um pallido lampeão ao longe brilha
Range uma portinhola, e, ao mesmo instante,
Escorrega uma sombra de mantilha...*

*Uma canção de amor, num sonho leve,
Enche de languidez a noite fria...
Nisto se abre uma rotula, de leve,
E um claro rosto de mulher espia...*

*Então, meiga cidade de pureza,
Sobre a collina como um lyrio branco,
Eras um berço de ouro, uma belleza:
— Ruas tortas, casinhas no barranco...*

*Hoje, São Paulo meu, não ha terreno
Que te haste, no ardor em que te expandes...
Mas, ai! quando tu foste assim pequeno,
Como os teus grandes homens eram grandes!*

Eil-a a cidade estudantina de outro tempo! Do tempo em que havia tropeiros e festas de igreja, cavalladas e serenatas, bebedeiras e canções, de um tempo que parece que morreu, mas que deixou, na poesia e na lenda, um traço inapagavel. Agora ha reivindicações feministas em vez de mantilhas, e as moças pintam os labios e quasi não podem corar porque o "rouge" não deixa. Depois, os cinemas são escuros e os abraços e os beijos entram na vulgaridade dos costumes. Estaremos ficando velhos? Pois não é verdade que nós outros os que aqui estamos e a quem chamam de professores, e até, as vezes, de venerandos, nos sentimos realmente velhos, por fóra e por dentro?

O LEITE DA SCIENCIA

Não estranhemos que nos chamemos velhos a nós mesmos. E' conveniente que o antecipemos. Velhos? Peor que isso! pois não houve quem comparasse os professores de direito ás amas de leite?

Quando, na Assembléa Geral Legislativa, se discutia a grave questão de saber se os compendios de ensino deveriam ou não ser approvados pelo Poder Legislativo, o deputado Lino Coutinho, por certo um dos mais illustres, teve esta tirada: — “Senhores, os lentes são como as amas de leite; toda a ama de leite diz que o seu leite é bom: mas quem é que decide? E' a ama? Não; é o medico. Da mesma forma a Assembléa é que ha de julgar da escolha dos compendios”.

Felizmente esta comparação não foi levada mais longe, e o que mais me admira é que passados cento e nove annos não nos tenham glosado esta analogia para nos accrescerem as responsabilidades. Bem é que o governo não coarcte a liberdade de ensino sob o pretexto de decidir se o leite é bom.

Graças a Deus os estudantes desta casa, numa dieta mais que centenaria, gosam de boa saude, e se alguns já morreram, não foi decerto por infecção lactea.

UM POUCO DE HISTORIA

Mistér se faz relatar nesta noite, ainda que summariamente, o como e o porque desta solennidade. No velho mosteiro de S. Francisco, cuja edificação remonta ao agitado anno de 1640, escolhido pelo tenente-general Rendon, de preferencia aos mosteiros de São Bento e do Carmo, foram inaugurados a 1 de Março de 1828 os Cursos Juridicos, lareira agasalhadora a que se viria aquecer, por mais de um seculo, a mocidade de São Paulo, a grande parte da do Brasil.

Coube a um filho da então provincia de São Paulo, a José Feliciano Fernandes Pinheiro, depois visconde de S. Leopoldo, a primeira proposta de fundação desta Academia, feita na sessão de 14 de Junho de 1823 na nossa primeira Assembléa Constituinte. Projectara Fernandes Pinheiro mais que uma Escola de Direito, uma Universidade, onde viessem estudar os moços brasileiros, então mal vistos em Portugal pela recente declaração da Independencia. E constitue para nós motivo de justa satisfação o verificarmos que conseguimos, depois de largas vicissitudes realisar o sonho do grande fundador. Debatida a idéa inicial, pelos melhores parlamentares da época, veio afinal a produzir a lei de 11 de Agosto de 1827 referendada pelo mesmo Fernandes Pinheiro, já ministro do Imperio, que considerou este acto como o mais glorioso de sua carreira politica. Mandou a lei de 11 de Agosto que se observasse a organização e o regimento interno contidos nos estatutos do visconde da Cachoeira, obra de largo descortino e de profundas vistas, que ainda hoje mereceria ser lida e meditada.

Os seus dispositivos principaes se acham resumidos nas “Memorias para a Historia desta Faculdade”, que penosamente colligimos para offerecer o material da construção ao artista e ao pensador, que um dia tire, do tosco acervo, a obra architectonica que esta Academia merece.

RENDON E OS PRIMEIROS LENTES

Foi á sombra dessas leis que se abriu esta casa inspiradora de leis, e veio regel-a como primeiro director o tenente-general José Arouche de Toledo Rendon, que além desse posto militar, ganho honrosamente nas fileiras, tinha o diploma de doutor em leis pela Universidade de Coimbra e chegou a exercer a advocacia nesta cidade.

A bibliotheca desta Faculdade possui os seus “Elementos de Processo Civil”, hoje apenas com valor bibliographico. Nunca vimos o seu escripto, sob o titulo saborosamente

ingenuo — “A Superioridade das Letras sobre as Armas, isto é, dos Filhos de Minerva sobre os Alumnos de Marte”.

É certo, porém, que prestando culto simultaneo a Minerva e a Marte serviu a ambas gloriosamente. Basta referir que tomou parte activa nos protestos contra a volta do principe d. Pedro a Lisboa e foi em commissão ao Rio de Janeiro, com José Bonifacio, o patriarcha, o coronel Gama Lobo e o padre Alexandre Gomes de Azevedo, levar ao conhecimento do futuro imperador o pensamento de São Paulo.

Não gosou Rendon de uma directoria tranquilla, pois veio logo nomeado para direito natural o dr. José Maria de Avellar Brotero, homem singular em que se reuniam estranhamente a erudição scientifica e os tropos rhetoricos, e cujo impetuoso temperamento suscitou logo antagonismos com Rendon, e com Balthazar da Silva Lisboa, que logo depois viera nomeado lente. Deveria, entretanto, Brotero servir a esta Academia durante quarenta e quatro annos, sem ceder um passo nas attitudes, com inquebrantavel firmeza.

Com a primeira turma academica vem matricular-se um modesto estudante, que ha de ser um dos maiores nomes da literatura juridica do Brasil — José Antonio Pimenta Bueno, futuro Marquez de S. Vicente, e com elle Manuel Dias de Toledo, Pires da Motta e Amaral Gurgel, nomes que a tradição guarda com respeitoso recato.

VEIGA CABRAL

Não poderemos referir aqui mais que alguns nomes, no receio natural de vos cansar; mas um se encheu de traços tão engraçados, e revela uma tão estranha personalidade, que o não podemos omittir — o do cons. Prudente Giraldes Tavares da Veiga Cabral, notavel pelas suas exquisitices e ainda pelo espirito de cabula com que levava o curso de direito civil.

Implicava com os estudantes de nomes compridos ou arrevesados.

Verdade é, meus amigos, que a extravagancia onomastica muitas vezes excedia a todos os limites. Em 1858 leccionava Veiga Cabral o terceiro anno, direito civil, quando veio frequentar-lhe a aula o estudante Benedicto Fosculo Jovino de Almeida Aymerê Militão de Souza Barué Itaparica de Boré Fu Mi Ni Tucunduva, — incorrigivel bohemio que, depois de formado, foi promotor em Ubatuba, São Luiz de Parahytinga e outras comarcas do Estado.

Desde o primeiro dia, não deixou o velho lente de resmungar assim que o bedel fazia a chamada: — “Isso não é nome”! Não pode ser! Que figura! Não pode ser bom estudante! No fim do anno veremos! Isso até é desaforo!”.

Pode imaginar-se a hilaridade que isso provocava todos os dias: mas Veiga Cabral não se dava por achado: protestava e resmungava sempre.

O VELHO FALCÃO

Outro lente, famoso nas nossas tradições, é o velho Falcão — Clemente Falcão, pae, assim chamado para distinguil-o do Falcãozinho, do Clemente Falcão Filho, grande figura de advogado, e ousado pioneiro industrial de São Paulo, a quem São Paulo deve serviços que nunca pagará.

Do velho Falcão, ficou a tradição de homem de maneiras rispidas e severas. Certa vez passava elle junto ás Arcadas, naquelle tempo chamadas “Os Geraes”, e certamente por distração não tirara o chapéu. Um estudante brejeiro fez “peu”! peu!” como costumam nos theatros quando o espectador distrahido conserva o chapéu na cabeça.

Falcão, sem descobrir-se parou, voltou-se para o grupo, donde partira o grito irreverente, e com um olhar de colera e desafio:

“Pareceu-me que havia alguem ahí...” E continuou o caminho, porque ninguem ousou levantar para elle os olhos.

Guardava o velho Falcão a maior antipathia contra os perfumes, ás mulheres e os padres. — “Quando, num ajuntamento, virdes um padre, e depois occorrer um factu criminoso, não duvideis — foi o padre o instigador”. Quanto ás mulheres: — “Se souberdes de um crime intrincado, que ninguem descobre; de um acontecimento inexplicavel e absurdo, de onde resulte mal a alguem; de um soffrimento insanavel ou inevitavel e cuja causa seja ignorada ou obscura, não ha que errar: — procure uma mulher e vereis que é ella a causa proxima, ou remota, de tudo quanto aconteceu de mal”.

Mas, senhores, fôra preciso não temermos os rigores desta fria noite de Agosto, que todos affrontamos para vir rememorar aqui, num momento estes cento e nove annos que ficam para trás se nos demorassemos mais, muito embora recordar seja viver de novo.

GLORIAS ACADEMICAS

Bastaria á gloria desta Faculdade ter acolhido e continuar a acolher a mocidade, sedenta de ideal e de poesia, de patriotismo e de amor á justiça, para que ella se engrandeça com o perpassar das edades. Os incentivos, que daqui derivam, impulsionam a alma dos moços, fecundam o sentimento nacional, e são uma fonte viva de regeneração das energias criadoras. Nomes como Ruy Barbosa, Teixeira de Freitas, Pimenta Bueno, Pedro Lessa, Antonio Joaquim Ribas, Duarte de Azevedo — para dar apenas alguns exemplos, convidam os estudantes á grave meditação do direito. Alvares de Azevedo, Fagundes Varella, Castro Alves, Raymundo Corrêa, Vicente de Carvalho, Baptista Cepellos, Ricardo Gonçalves, despertam a musa, que reverdece, cada anno, em florações esplendidas. A politica veiu buscar a estes bancos Joaquim Nabuco, João Mendes, pae, Gabriel dos Santos, Rio Branco e quasi todos os presidentes civis da Republica. O jornalismo: — Ferreira de Menezes,

Justiniano da Rocha, Pedro Taques, Rangel Pestana e Julio de Mesquita. O romance achou aqui as figuras incomparáveis de Raul Pompeia, de José de Alencar, de Bernardo Guimarães.

Eia moços. Sois bellos, fortes e cheios de talento. Os que vos precederam fizeram esta patria grande e generosa. Podeis, deveis fazel-a melhor. Como Lucio de Mendonça, que reuniu a dupla sagração do jurista e do homem de letras, ao vos despedirdes desta casa, ao cabo de proveitoso e honesto estudo, podereis vos voltar para a terra paulista e dizer-lhe “terra sagrada de homens honrados, terra a que eu devo, mais que o nascimento a educação civica; berço de minhas crenças, formosa terra de S. Paulo, nobre plebéa robusta, mãe de espiritos, leôa que amamentas as almas modernas, que hão de lutar a grande luta, salve, em nome da mocidade e do povo, salve! mãe intellectual da nossa nacionalidade, esperança de nossa redempção, alma do Brasil novo, coração da patria livre”.